

Assombrosa prestação do Remix Ensemble na estreia de "Giordano Bruno"

por Bernardo Mariano 14 setembro 2015 [Comentar](#)



Fotografia © João Manuel Ribeiro/Global Imagens

Crítica à estreia mundial de ópera de Francesco Filidei quase encheu a Casa da Música. Encenação componente mais desequilibrada.

Uma voz sem dúvida original é como podemos classificar Francesco Filidei (Pisa, 1973), após audição em estreia mundial de *Giordano Bruno*, na noite de sábado, na Sala Suggia da Casa da Música, no Porto. Impressiona na partitura a liberdade com que o autor se move entre referências, mas também a ciência com que as funde e unifica num estilo/discurso coerente e pessoal que dão à ópera grande consistência sonora.

Percebe-se o pensamento operando seccional e globalmente na forma. Percebe-se o gosto pela economia e objetividade do material, antes de começar a elaborá-lo/variá-lo. Percebe-se o gesto de aparência improvisada no tratamento desse material. E se

Diário de Notícias

se reconhece um certo cunho francês na música, outros momentos fazem-no herdeiro distante do "rumorismo" italiano, coado pelo exemplo de Sciarrino. E assim, escutamos naqueles cerca de cem minutos o hierático, o ritualístico, o orgiástico, o motórico, o pulsante e o atemporal, o ruído e o tonal, controlados por uma "mão" que sustém a forma.

A encenação de Antoine Gindt foi o elemento mais desequilibrado da produção. Admitamos: o pressuposto dado não é fácil. Pois Giordano Bruno tem muito mais, na verdade, de oratória cénica do que de ópera. Além disso, a linguagem do libreto envereda amiúde pelo lado conceptual e mesmo os episódios objetivos - as fases do julgamento - estão cheios de conceitos teológicos escandidos em torrente. Logo aí, dois planos bastante dominantes de linguagem dificilmente encenáveis.

Mas também a sua visão do protagonista não é coerente: Bruno é apresentado como um apóstata, amante dos prazeres da vida e que "cospe" em todo o poder instituído, visão na verdade muito afastada do que se conhece dele. Mas este "desvio" ou exagero remete para outra desfocagem: a representação, por Gindt, dos campos opostos (Giordano vs. Igreja/Santo Ofício) é demasiado maniqueísta, o que é sempre uma forma de simplismo e, no caso, de arrogância intelectual.